

F Ó R U M

L I N G U Í S T I C O

APRESENTAÇÃO | DOSSIÊ

HISTÓRIA DO PORTUGUÊS: CRONOLOGIAS E MUDANÇAS LINGUÍSTICAS

VOLUME 18, NÚMERO 3, JUL/.SET. 2021

ORGANIZAÇÃO:

PAULO OSÓRIO*

Universidade da Beira Interior (Portugal)

A proposta de organizar este dossiê temático partiu de um convite direto do Editor da Revista, a quem desde já agradeço, muito embora o seu programa seja da minha inteira responsabilidade. Pretendi, deste modo, organizar um dossiê no âmbito da História da Língua Portuguesa (incluindo PB e PE) à luz dos fenómenos de mudança linguística preconizados pela Linguística Histórica, na certeza de que os estudos diacrónicos constituem, a meu ver, uma parte central no complexo fenómeno de descrição das línguas naturais e gozam, no momento, de grande interesse por parte dos linguistas¹. Acresce, igualmente, que o surgimento de estudos neste domínio científico é sempre muito enriquecedor, porque contribui para aprimorar teorias e metodologias neste campo de investigação que aliás, por se tratar do estudo de fases pretéritas da língua, exige alguns cuidados específicos. Com efeito, a análise de estádios linguísticos não contemporâneos “[...] não pode contar com a experiência e a observação directa do linguista, mas apenas com os dois clássicos métodos conjecturais da **reconstrução** desses estados, baseada na comparação entre as variedades

* Professor Catedrático da Faculdade de Artes e Letras da Universidade da Beira Interior, Covilhã (Portugal).
Identificador Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6009-6970>. E-mail: pjtrso@ubi.pt.

¹ Afirma Maia (1995, p. 3): “Nesta viragem de século, quando a Linguística histórica volta a ocupar uma posição de primeiro plano, depois de várias décadas de domínio da linguística sincrónica, ela tem vindo progressivamente a integrar novos conceitos teóricos, nomeadamente os que são peculiares de duas disciplinas linguísticas relativamente recentes, a Sociolinguística e a Pragmática”.

contemporâneas deles geneticamente decorrentes, e da exploração das **fontes escritas** produzidas na época que é objecto de atenção.” (CASTRO, 1991, p.173).

Com a intenção de se conseguir cada vez mais datações de fenómenos linguísticos do passado e uma cada vez mais rigorosa periodização, seleccionamos, com a ajuda de uma comissão científica de especialistas constituída para o efeito, os contributos que, de algum modo, tivessem como escopo o estudo das cronologias de diversos fenómenos linguísticos. Só com um número significativo de fenómenos singulares estudados, podemos, com efeito, chegar paulatinamente a uma periodização da língua portuguesa segura e com os enquadramentos cronológicos *a quo* e *ad quem* bem determinados. Convém referir também que muitos dos filólogos que, no início do século XX, procederam ao estabelecimento dos períodos da história da língua portuguesa nem sempre adotaram critérios exclusivamente linguísticos. Sublinhou-se, assim, neste dossiê, a necessidade de publicação de estudos que fossem dirigidos a uma análise linguística.

Foi igualmente nosso objetivo, não restringirmos o enquadramento teórico das propostas submetidas, de modo a não colocar quaisquer limites no tipo de descrições linguísticas efetuadas, cabendo assim total liberdade aos autores. Na verdade, por vezes, há uma barreira entre *teoria* e *descrição linguística*:

[...] tout décalage entre théorie linguistique et pratique descriptive révèle - comme nous avons essayé de la montrer - une lacune ou une inadéquation. C'est en cela que toute étude ponctuelle a des implications pour la théorie ou une «moralité» de portée générale comme dit Martinet; elle invite le chercheur à apprécier les limites de la validité de sa théorie et à concevoir des moyens d'en combler les lacunes. (MAHMOUDIAN, 1990, p. 75-76)

O dossiê é constituído por seis artigos, pela seguinte ordem de apresentação:

- *A apócope do /r/ em infinitivos verbais na escrita do Facebook: mudança linguística em processo?*, de Camilla da Silva Mendes e Thiago Soares de Oliveira;
- *O (o) caso do voseio português do Nordeste Trasmontano*, de Manuel Duarte João Pires;
- *A expressão de resultado do conector daí que: mudança linguística em perspectiva funcional centrada no uso*, de Ana Beatriz Arena e Ana Cláudia Machado Teixeira;
- *Sobre a incoatividade dos verbos terminados em -ECER em português*, de Rui Pereira;
- *Novos elementos para a periodização do português no Brasil*, de Williane Silva Corôa;
- *De marcador discursivo refrecedor-enunciativo a interjeição sintomática: mudança construcional na pós-paradigmatização de espera aí e espera lá*, de Flávia Saboya da Luz Rosa.

Todos os trabalhos seleccionados se integram plenamente neste dossiê, porque, cada um, a seu modo, trata da problemática da mudança aplicada a um determinado fenómeno e com o recurso a um *corpus* específico para análise. Deste modo, estamos no domínio da Linguística Histórica, pois esta área tem como objeto de estudo precisamente a mudança linguística, na certeza de que a perfeita compreensão do PE e do PB contemporâneos exige, naturalmente, que se conheça o seu percurso histórico.

O artigo *A apócope do /r/ em infinitivos verbais na escrita do Facebook: mudança linguística em processo?* aborda, à luz da Linguística Histórica, a apócope do /r/ em construções perifrásticas (com infinitivos verbais), por se tratar de um fenómeno linguístico com muita produtividade na oralidade do PB. Os autores concluem que “[...] embora a norma-padrão resista às mudanças comuns a qualquer língua viva, vislumbrou-se a possibilidade de que a apócope do /r/ em infinitivos verbais chegue a compor o rol normativo gramatical da língua futuramente, apesar de ser difícil prever a época de tal suposto registro, mas tendo claro que a ocorrência de tal metaplasmo já deixa marcas na escrita do português brasileiro”.

O texto *O (o) caso do voseio português do Nordeste Trasmontano* analisa as formas de tratamento (nomeadamente de voseio) no Nordeste Trasmontano português, tomando como enquadramento os pressupostos da mudança linguística e optando pela aplicação de uma entrevista com dez informantes para a recolha de dados. O autor conclui que este fenómeno “[...] constitui uma

forma de tratamento única (e desconhecida) na língua portuguesa. O seu uso circunscreve-se a algumas localidades fronteiriças do Nordeste Trasmontano e tem origens dúbias que alguns autores associam ao português antigo, mas também ao mirandês ou a dialetos asturo-leoneses. A inexistência de reciprocidade, o pronome *vós* é usado apenas unilateralmente, e o facto de a idade do interlocutor ser um factor determinante no momento de escolher esta forma de tratamento, constituem características singulares e diferenciadoras, por exemplo, do voseio usado no espanhol americano”.

Na investigação intitulada *A expressão de resultado do conector daí que: mudança linguística em perspectiva funcional centrada no uso*, as autoras estudam a mudança linguística do funcionamento do conector *daí que*, à luz do escopo epistemológico da “linguística funcional centrada no uso”, através de um extenso *corpus* constituído por textos escritos de vários períodos da língua (desde o arcaico ao contemporâneo) obtidos através *Corpus* do Português, do *Corpus* Tycho Brahe, do *Corpus* Brasileira e de *Domínio Público*. Concluem as autoras que “[...] o conector *daí que* vem, ao longo do seu processo de mudança linguística, sua construcionalização, apresentando alguns fenómenos que assumimos como micropassos da mudança, vinculados aos contextos de uso, conforme preceitua Diwald (2006)”.

Rui Pereira, no estudo *Sobre a incoatividade dos verbos terminados em -ECER em português*, contempla um fenómeno morfológico (incoatividade dos verbos terminados em *-ecer*) em cinco verbos: *adormecer*, *amanhecer*, *amarelecer*, *apodrecer* e *endurecer*. O autor procura “[...] averiguar em que medida este proclamado valor aspetual dos verbos terminados em *-ecer* se encontra atestado no português contemporâneo ou em alguma(s) das fases pretéritas da nossa língua”, servindo-se do CIPM (*Corpus* Informatizado do Português Medieval da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa) e de obras lexicográficas editadas no século XVI e seguintes. O autor conclui que “[...] os verbos em *-ecer* não possuem, na sincronia atual, um valor semântico-aspetual que os oponha de forma clara aos restantes verbos denominais e deadjetivais construídos em português. De facto, verbos que manifestam outros esquemas de construção (e.g. *azedar*, *alargar*, *encurtar*, *esfriar*, *amenizar*, *intensificar*) competem com eles na expressão da incoatividade e da causatividade”.

No artigo *Novos elementos para a periodização do português no Brasil*, a autora apresenta um estudo de sintaxe diacrónica (nomeadamente ao nível de colocação dos clíticos) segundo os contributos da gramática generativa, estudando, assim, para o efeito “[...] 283 cartas escritas ao Rei por 07 escrivães brasileiros, ao longo do século XVII, que totalizam 120.049 palavras e 2.592 sentenças”. Williane Silva Corôa conclui que os seus dados “[...] apontam para um processo de diferenciação que começa já no século XVII. Como examinamos apenas dados do século XVII, não podemos afirmar nada sobre a sintaxe dos clíticos ao longo do século XVIII, mas sabemos, a partir de pesquisas já realizadas (Cf. Carneiro, 2005; M. A. Martins, 2010) que, ao longo do século XIX, há um intenso processo de *competição de gramáticas* (diglossia sintática), em que os padrões das gramáticas do PCL, do PB e do PE são refletidos nos textos escritos por brasileiros».

Por fim, o texto *De marcador discursivo refrador-enunciativo a interjeição sintomática: mudança construcional na pós-paradigmatização de espera aí e espera lá* trata, em conformidade com os pressupostos da “linguística funcional centrada no uso”, das microconstruções *espera aí* e *espera lá*, servindo-se a linguista do *Corpus* do Português, do *Corpus* Tycho Brahe, do *Diário do Congresso Nacional* e do Acervo digital da revista *Veja*. A autora aponta que encontrou “usos das microconstruções *espera aí* e *espera lá* em função marcadora discursiva a partir do século XIX e em função interjetiva a partir do século XX. Por conta das diferenças encontradas para o uso interjetivo no estágio de pós-paradigmatização de *espera aí* e *espera lá*, propomos, inicialmente, a seguinte classificação organizacional: i) pós-paradigmatização de grau um e ii) pós-paradigmatização de grau dois. A primeira está relacionada aos usos interjetivos de *espera aí* e *espera lá* em âmbito discursivo, de modo que os construtos assim enquadrados são chamados de marcadores discursivos interjetivos. A segunda está associada aos usos interjetivos aplicados a situações extralinguísticas, sendo os construtos com tais características chamados de interjeições de situação”.

Em suma, propostas de periodização linguística só podem ser levadas a bom termo, graças a protocolos metodológicos rigorosos. Em muitos destes textos, foram utilizadas metodologias estatísticas, apoiadas em meios informáticos seguros, carreando os autores para uma tentativa de descoberta de novos caminhos na análise de questões de Linguística Histórica. Tal tarefa só foi possível, uma vez que parte das investigações aqui descritas recorreram a um *corpus* extenso, pois há circunstâncias “[...] em que só uma análise exaustiva permite utilizar argumentos insuspeitados, como é o caso, por exemplo, do argumento estatístico” (CASTELEIRO, 1981,

p. 439-440). A utilização de diferentes enquadramentos teóricos favorece que estes se possam integrar e prosseguindo o raciocínio de Castro (1991, p. 7): “[...] ajudam a matizar, expandir e reclassificar a nossa compreensão interior do grande organismo cultural que é a língua portuguesa, é, no fundo, uma atitude típica da romanística”.

REFERÊNCIAS

CASTELEIRO, J. M. *Sintaxe transformacional do adjectivo. Regência das construções completivas*. Lisboa: INIC, 1981.

CASTRO, I. *Curso de história da língua portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta, 1991.

MAHMOUDIAN, M. Linguistique et sociolinguistique. *La Linguistique*, v. 26, fasc. 2, p. 47-76, 1990.

MAIA, C. Sociolinguística histórica e periodização linguística. Algumas reflexões sobre a distinção entre "português arcaico" e "português moderno". Separ. da revista *Diacrítica*, Braga, n.10, 3-30, 1995.



Recebida em 15/11/2021.